

Está difícil de agüentar

Quem trabalha em ambientes com ar condicionado sofreu para chegar ou voltar do trabalho. No entanto, há quem precise enfrentar o sol durante todo um dia de trabalho. A reportagem do **Jornal de Brasília** conversou com alguns profissionais que, literalmente, suaram a camisa no dia de ontem.

Quase sempre, funcionários que trabalham na construção civil precisam enfrentar o sol forte, enquanto fazem esforço para realizar suas funções. Ontem, os operários que trabalham na ampliação da Estrada Parque Indústria e Abastecimento (Epia) tentavam amenizar os efeitos do sol forte, descansando debaixo de árvores e bebendo muita água.

O operador de máquinas Célio Pereira, 33 anos, trabalha na obra há quatro meses e contou que nunca havia sentido um calor tão forte como o de ontem. "Mesmo assim, estou de blusa de mangas cumpridas, pois é pior ficar com a pele exposta a esse sol", contou.

Outro operário também sofreu ao assentar a massa asfáltica, que é manuseada quando está com uma temperatura superior a 100°C. "A sensação térmica é ainda mais alta quando se trabalha com um material quente como esse. Só bebendo muita água mesmo", disse Luis Fernando Couto, 28 anos.

■ Ao volante

Quem leva a vida atrás de um volante de ônibus também sofre nos dias em que o calor está insuportável. Motorista de



"Eles estavam visitando o local e, quando viram a carrocinha, vieram na minha direção. Vendi quase todos os picolés"

MANUEL BATISTA DOS SANTOS, 23 ANOS, VENDEDOR DE PICOLÉS



transporte coletivo há 30 anos, Sebastião Alberto de Oliveira, 56, conta que os ônibus mais antigos faziam os motoristas suarem ainda mais. "Nós dirigimos ao lado do motor do veículo, que fica coberto sobre uma capa de fibra e metal. Antigamente, essa proteção liberava um quantidade de calor muito maior do que nos dias atuais", explicou.

Também houve quem comemorou o forte calor. Um vendedor de picolé, que passava pelo Congresso Nacional, foi cercado por uma turma de 50 alunos, na tarde de ontem. "Eles estavam visitando o local e, quando viram a carrocinha, vieram correndo em minha direção. Vendi quase todos os picolés", contou Manuel Batista dos Santos, 23, rindo à toa.